

Para além da transitologia e da consolidologia: uma análise da democracia na Argentina contemporânea

Dannyel Brunno Herculano Rezende – UFRN

VITULLO, Gabriel Eduardo. **Teorias da democratização e democracia na Argentina contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

Para uma leitura crítica das teorias da transitologia e da consolidologia, bem como uma postura radical face às concepções minimalistas da democracia, Gabriel Eduardo Vitullo, na sua recente e intitulada obra: *Teorias da democratização e democracia na Argentina contemporânea* (Sulina, 2007), nos fornece uma visão profundamente questionadora sobre as teorias da transição e consolidação com as quais buscou-se explicar as mudanças de regimes políticos na América Latina nestes últimos lustros. Tece, do mesmo modo, uma reflexão acerca das atuais e tangíveis condições das democracias no continente, particularmente uma análise interrogativa da Argentina contemporânea.

Gabriel Vitullo doutorou-se em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atualmente é Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) onde coordena o Curso de Ciências Sociais e leciona, em mesmo curso, para os níveis de Graduação e Pós-Graduação. Tem se dedicado ao estudo da Política com ênfase em Teoria Política Contemporânea, Teoria Democrática e Política Latino-Americana. Na linha de investigação das democracias publicou muitos trabalhos, é o caso, entre outros, dos artigos: *As teorias da democratização frente às democracias latino-americanas* (Opinião Pública, v. 12, 2006) e *Transitologia, consolidologia e democracia na América Latina: uma revisão crítica* (pela Revista de Sociologia e Política, n. 17, 2001).

Resultado de sua tese de doutoramento, *Além da transitologia e consolidologia: um estudo da democracia Argentina realmente existente* (UFRGS, 2005), a obra que hora resenhamos, ligeiramente modificada, contempla em sua estrutura uma laboriosa organização intelectual a qual está alicerçada em quatro destacados capítulos, bem como apresenta uma esclarecedora introdução que favorece uma leitura ainda mais consistente e integradora de sua produção.

Com objetivos plenamente elucidativos de revisar as teorias da democratização e realizar uma reflexão minuciosa, a partir de tal revisão, acerca da realidade política contemporânea da América Latina, Gabriel Vitullo arranja sua produção nos seguintes termos: no capítulo primeiro realiza *Uma releitura*

das análises clássicas da transição e da consolidação; posteriormente, capítulo segundo, reflete acerca das *Percepções cidadãs sobre a democracia representativa e suas instituições*; logo em seguida, capítulo terceiro, discute os *Desafios dos novos atores sociopolíticos às instituições democrático-representativas na Argentina*; por fim, quarto e último capítulo, debruça-se, em entendimento, sobre os *Novos comportamentos do eleitorado argentino*.

Desse modo, de acordo com tal perfilamento capitular, Vitullo endereça sua crítica, no primeiro momento de sua obra, para a postura extremamente elitista que assumem na ciência política contemporânea as teorias transitológicas e consolidológicas. Segundo o autor, as análises realizadas por tais teorias quando chamadas a avaliar os recentes processos de democratização que têm alcançado as diversas e atuais sociedades, orientam suas atenções, em absoluta primazia, às atitudes e comportamentos político-estratégicos das elites, não contemplando, em suas explicações, outras dimensões de importância econômica e social. Em sua apreciação, *ipso facto*, “a democracia passou a ser vista, a partir de então, como resultado das habilidades, tomadas de decisões e estratégias racionais seguidas pelos grupos dirigentes e atores políticos mais relevantes” (p. 23).

Critica assim o autor, entre outros, a posição analítica que tem em consideração apenas os partidos e os líderes mais destacados quando se examina “o grau de consolidação de uma democracia”; a não inclusão avaliativa, incidente em um regime político, das influências externas em seu processo democrático; e ainda, o argumento etapista que relega a segundo plano agentes importantes num processo democratizador. Todavia, como bem assinala Vitullo “não há como concordar com os transitólogos e consolidólogos”, pois desconsideram a importante presença dos movimentos sociais, associações, comunidades locais e demais agrupamentos sócio-políticos de relevância. Não notificam os casos de influências outras nos recentes processos de democratização na América Latina, e assim, como também, experiências têm mostrado que nada justifica o elitismo de seu modelo gradual que torna acessórios tais movimentos.

Pautado em um vasto e profundo conhecimento do tema, Vitullo claramente identifica em Max Weber, Joseph Schumpeter, Giovanni Sartori e demais interlocutores os antecedentes dessa concepção elitista (minimalista e conservadora) da democracia que tanta força tem adquirido na ciência política do século XX, responsável pela solidificação do que se convencionou chamar de “conceito hegemônico de democracia”. Em contra partida, propõe o autor um novo conceito de democracia e um outro tipo de leitura dos regimes políticos do continente. Uma democracia ampla e também substantiva; um outro tipo de leitura que incorpore as ações e os sentimentos dos setores subalternos frente à atual realidade política. Para tanto, sugere o autor o abandono de noções como “consolidação”, “estabilidade”, “ordem” e outros termos mais. E tudo isso implica, como seguramente notifica, “também uma mudança

significativa no campo de atuação da ciência política” a partir da qual “seja possível entender melhor a relação entre democracia e emancipação social” (p. 60).

Situado então por uma crítica revisão, o autor, com grande propriedade, lança mão de alguns recursos metodológicos fundamentais para entender o que acontece em países como a Argentina, onde suas instituições representativas vêm sendo constantemente desafiadas. Vale-se, na parte empírica de sua investigação, de um triplo enfoque que considera – “o exame de pesquisas de opinião pública, elucidação do papel que desempenham os novos movimentos sociais na cena pública e a análise de modalidades ‘contestatárias’ ou ‘disruptivas’ de comportamento eleitoral” – essenciais para escapar das interpretações limitadas, predominantes nas correntes hegemônicas da ciência política.

Justamente nessa direção, faz uso, em seu segundo capítulo, das pesquisas de opinião pública efetuadas pelo Latino-barômetro desde 1995, tentando decifrar os sentidos e significados que a cidadania atribui à democracia e suas instituições. O autor compreende perfeitamente que há um acentuado desgaste, em termos de legitimidade, das instituições políticas da Argentina e do continente, mas que a democracia ainda concita forte apoio enquanto ideário político. Perguntas que apontam para a preferência que tem a cidadania pelo regime democrático são úteis para mostrar o alto grau de adesão popular à democracia; afirmações que indicam para um acúmulo significativo de votações em alternativas como “não muito satisfeito” e “nada satisfeito” com a democracia real, evidencia o acentuado grau de rejeição popular ao funcionamento institucional democrático existente.

De toda sorte, a análise das opiniões acerca das características mais importantes que reúne uma democracia remete ao plano representativo, para um número importante de entrevistados, ao qual a democracia não é apenas procedimento, mas é também substantividade, “o que deixa em evidência a necessidade de estudar a democracia como um complexo processo de construção sociocultural e não meramente como um conjunto de regras formais e instituições políticas” (p.86). Percebe-se, com o exame das opiniões, que o descontentamento existe frente ao mau funcionamento das instituições e não à ideia democrática, portanto, nas palavras do autor: “o que está em crise não é a democracia como utopia, como aspiração a uma vida melhor. O que está em questão, sem sobra de dúvidas, é sua tradução político-institucional” (p. 101).

Com efeito, a resposta para o aparente quadro vêm sendo mostrada, como detalha Vitullo no capítulo de número terceiro, através de movimentos e articulações sociais que fogem do centralismo formal e burocrático das instituições do Estado. Tais movimentos e organizações apontaram e apontam para uma recomposição política e social das classes e setores mais agredidos pelo modelo econômico neoliberal, substituindo por novas, antigas modalidades sociais de protestos. Nesse sentido, o estudo mais do que substancial do movimento dos *piqueteiros*, movimento de trabalhadores desempregados

da Argentina, como parte importante da cidadania, ratifica, em vontades e reações, a não adesão a um sistema precário em funcionamento do regime político argentino.

A avaliação que fazem de suas instituições democráticas frente à crise econômica, política e social no continente a partir da adoção do citado modelo neoliberal deixa mais do que claro a necessidade de reformulação ou ressignificação da democracia enquanto projeto existencial e conceito político. Não resta dúvida que tal movimento, incorporando demandas outras, substitui na prática a concepção de democracia limitada, adotada pelas correntes elitistas cujas definições estão na base das leituras levadas a cabo pelos transitólogos e consolidólogos, por uma democracia ampla ou participativa tão defendida por expoentes da ciência política, tais como, Crawford Macpherson, Carole Pateman, David Held, entre outros, revitalizando na *práxis* o sentido maior do termo democracia.

É no quarto e último capítulo que o professor Vitullo, interpretando ainda os anseios e condutas das amplas maiorias frente ao deficiente funcionamento do regime democrático-representativo argentino, observa por um outro ângulo, o sentido que a cidadania confere à democracia e suas instituições. O autor, por meio de uma análise suficientemente criteriosa da trajetória eleitoral argentina, expressa nos votos brancos, nulos e abstenções dos últimos pleitos (1983-2003), explica, em razões, o alto índice de rejeição e desconfiança social para com os partidos e as eleições. Reconhece, nesse sentido, a evidência de um complexo motivador de atitudes comportamentais que vai de problemas estruturais a conjunturais da sociedade e da política do país, mas claramente tem no agravamento da exclusão social com a piora das condições de vida de amplos setores sociais produzida pelas políticas neoliberais motivos suficientes para erodir a credibilidade institucional da democracia representativa.

Dessa forma, Vitullo evidencia não só o aumento do abstencionismo eleitoral, bem como a chamada “explosão do voto ‘bronca’” (brancos e nulos), mas, fundamentalmente, torna claro o início de revitalização da democracia aos novos usos da instância eleitoral, expressa nas intituladas e diligentes modalidades “contestatárias” ou “disruptivas”. Tais modalidades manifestam-se como instrumentos de repúdio à classe política e à pobreza funcional das instituições políticas do país, quando do depósito voto, em pleitos eleitorais, a sociedade expressa seu descontentamento em frases bilhetais como: voto em “Clemente”, “Mafalda”, “Bin Laden” etc. Claro está, em sua competente avaliação, que as referenciadas atitudes sugerem novas possibilidades para a sociedade argentina, dado o colapso de seu sistema partidário, pois “novas práticas sociopolíticas infundem esperanças na revitalização e na regeneração do tecido democrático” (p. 243).

Pode-se, por fim, e também como exemplo, até se apropriar dessa última formulação para pensar, assim como Vitullo, na necessidade contemporânea de novas práticas sociais e políticas. Formas outras de expressão popular que não só inspira esperança, mas estimula o real alargamento do campo

da participação política e, obviamente, dos horizontes democráticos. É um estímulo à superação dos limites, principalmente institucionais, em que se encontram as democracias “realmente existentes” no continente latino-americano. Definitivamente, esta publicação se constitui como verdadeira obra crítica no campo da ciência política, ensejando o inconformismo e a superação da realidade existente. É por isso e muito mais que se recomenda este livro principalmente para o leitor afeito às Ciências Sociais e de maneira ampla às Ciências Humanas bem como, para que não haja restrições, a todos aqueles interessados em uma apreciação social inteiramente incisiva e radical.

